



FORTALEZA DE KELAT, TOMADA PELOS INGLEZES EM 13 DE NOVEMBRO DE 1839.

O BELUCHISTAN, de que é Kelat o districto principal, dilata-se pela costa do oceano indico desde o rio Indo até proximo ao estreito de Ormuz: calcula-se a sua superficie em 180:000 milhas quadradas (*), isto é outro tanto e mais metade da superficie da Graã-Bretanha. Era um paiz que antigamente se reputava parte integrante da Persia, que depois pertenceu ao Afghanistan, de cujo povo demos ha pouco noticia a pag. 244 deste volume: passou depois a ser uma dependencia meramente nominal do reino de Cabul; e na recente data da conquista pelas tropas britannicas gosava a consideração de paiz separado e livre. Regia-o um Kan, especie de principe, com soberania quasi despotica, limitada porem por um certo systema feudal: os caudilhos e ao mesmo tempo magnates, eram obrigados a equipar uma porção de soldados e a acompanhar a côrte: em parte eram hereditarios e em parte nomeados pelas tribus que governavam: os districtos occupados pelas tribus compunham outras tantas republicas, mas com tal idéa de direito publico que cada um membro presumia ter direito de vingar as injurias proprias: veja-se o que a este respeito dissemos tratando dos afghans. Kelat é uma cidade de 20:000 habitantes, cercada de muros de taipa, e pela maior parte assentada no declive das alturas sobre que está o palacio do Kan: o paiz circumvisinho é bem cultivado, abundante em variedade de fructos; nos districtos para o sul criam-se vigorosos e corpulentos cavallos. A influencia e dominio que a Inglaterra adquiriu sobre este territorio é-lhe de grande vantagem para a conservação do seu colossal poder na India. Exporemos brevemente o que deu logar ao acommettimento, e por conseguinte á posse; porque tanto ha posse nas praças que

(*) A milha legal ingleza é bastante menor que o terço da nossa legua, porquanto corresponde a braças port. 729³/₁₀

a Graã-Bretanha conserva por sua conta, como na quellas em que exercita immediata influencia.

O fallecido Kan de Kelat, Muerab, mostrára-se hostil ás tropas britannicas, que na ultima campanha acampavam nas margens do Indo: trataram os commandantes inglezes de o depôr, por via de uma mensagem a Shah Sujah, de que foi portador o commandante da columna militar de Bombaim, o major Willshire; porem como o Kan ameaçasse com resistencia, enviaram contra elle tropas, sob as ordens do mesmo official, que no dia 13 de Novembro de 1839 tomaram a praça á viva força, depois de porfioso combate em que o Kan pereceu, como tambem os melhores dos seus. A fortaleza era em partes quasi inexpugnavel; n'outras mais fraca; parece que a maior resistencia fôra na linha que olha para o norte, e que é a representada em a nossa gravura.

D. ALONZO.

(Continuado de pag. 301.)

INTENTOU D. Alonzo proseguir nas suas diarias tarefas; distrahia-se porem a cada passo, revolvendo na mente infinidade de supposições e conjecturas, relativas ás hospedas, que tanto se recatavam da alheia vista, e que seu tio lhe recomendára: esperava impaciente pela hora do jantar, pensando que ellas indubitavelmente viriam para a mesa. Deu em fim meio dia, e o mancebo erguendo-se prestes, concertando a volta e o cabelo, disse para a creada, que vinha entrando: — “Com effeito temos a mesa posta?... Essas senhoras quererão conceder-me a honra de ser hoje o seu copeiro e trinchante?...” —

— “Não hade ter esse trabalho... nem hoje, nem talvez á manhaã sahirão do quarto...” —

— “Cuidarão que nisso me dariam uma honra superior aos meus merecimentos?... Pois juro-lhes que muito folgaria de as livrar de todo da minha presença, largando-lhes esta pousada d’uma vez e para sempre!.. Bom encargo me deixou meu tio! Confesso que já me vai enfadando o estar feito sentinella de duas mulheres invisíveis... Queira Deus que isto acabe cedo: agora quasi que appetego o regresso de S. R.^{ma}...” —

— “Parece-me que não voltará tão breve...” — tornou a creada, abanando a cabeça.

— “Quem lh’o disse!...” — Interrompeu de prompto D. Alonzo.

— “Ninguém: mas S. R.^{ma} não me deixaria dinheiro, como nunca tive em toda a minha vida, se não fosse para costear os gastos da casa por uma temporada...” —

E ao dizer isto puxou, da algibeira furtada, por um saquitel, cheio de moedas d’ouro que despejou sobre a mesa: a vista de tão grossa quantia maravilhou sobremaneira o mancebo, que já se lhe afigurava ir com ella comprar o que mais cubicava; um cavallo, armas e fato de luxo: envergonhando-se por esta tentação, disse com indifferença:

— “Está bom, Catharina, meu tio está mais rico do que eu imaginava; cuidai por tanto em que nada falte a essas senhoras, que por mim nada preciso.” —

— Veremos! [replicou a velha correndo a mão pela sotana safada de D. Alonzo]: penso que um sobretudo de panno verde, calças do mesmo, um par de botas curtas não ficariam mal a V. S.^a” —

— “Póde ser que sim [respondeu desleixadamente o mancebo]: com tudo, á fé d’homem honrado, que não vale a pena mudar de fato para me ir sentar sosinho á mesa defronte da poltrona do senhor meu tio.” —

D. Alonzo passou o restante do dia, parte enfadado, parte impaciente: pelo fim da tarde desceu ao pateo, e passeou um pouco olhando de ilharga para as janellas do quarto, em que tão obstinadamente se conservavam encerradas as suas hospedas, ninguém apparecia por entre as vidraças illuminadas pelos raios derradeiros do astro da luz, que desaparecia no horisonte. Tudo estava immovel e mudo debaixo daquellas abobadas sombrias, onde os echos havia tanto que permaneciam calados. Cerrada a noite, o mancebo voltou a passos lentos para a sala, a ceia estava prompta, quatro bogias accesas; e Catharina de pé, vangloriosa e triumphante, apontava para os manjares que preparára. Não era por as comidas o que enlevava a attenção d’Affonso, scismava de continuo com a austera e voluntaria reclusão das duas senhoras; e o dialogo, que travou com a velha, a principio sobre este assumpto versou.

— “Estão assentadas [disse Catharina] no vão da janella, uma defronte da outra, conversando em voz baixa com modos mui tristes: apenas tenho podido perceber que a mais alta chama-se D. Anna, e a outra D. Isabel.” —

— “Importante descoberta fez! [redarguiu D. Alonzo por ironia]. Quanto me alegre de saber isso! Aos dois nomes andam sem duvida appensos os titulos de marquezia e condeça: não admira que senhoras da côrte se despresem de admittir em sua companhia um pobre cavalleiro, que nem sequer tem capa e espada: talvez lhes eu parecesse uma cousa como sachristão, ou maceiro; porque se eu não trouxer ao peito o brazão d’armas da familia bordado quem hade reconhecer um Gusman embrulhado nesta fatiota?” — E fallando, sacudia desdenho-

so a sotana de côr negra, mas incerta; e atirou para o lado o barrete que lhe resguardava do frio a cabeça.

— “Paciencia, paciencia... [disse a velha, piscando os olhos de texugo] ainda em Segovia haverá alfaiates capazes de vestir um fidalgo, a quem só falta, para parecer bem, o sobretudo novo, o barretinho de pala erguida, collar d’ouro ao pescogo e espada á cinta.” —

— “Exactamente é quanto me falta. Mas emfim que importa isso? Que se me dá de parecer um donato ou um mendigo, se não ha aqui quem o observe.” —

— “Paciencia... quem sabe o para que Deus o reserva... ha trinta annos que sirvo S. R.^{ma}; e tenho visto muita cousa.” —

— “Aposto que Catharina sabe alguma circumstancia que me occulta!...” —

— “Não, senhor, por vida minha, seu tio confiou-me o dinheiro, recommendou-me o cuidado na casa e não passou disto: mas recordo-me de outro tempo e sei o que certas cousas significam. Ha bastantes annos que S. R.^{ma} vivia tranquillo, arredado do mundo, entregue á reza do breviario e a fazer bonitas pinturas para os seus missaes; mas hoje poz-se a caminho; esteja certo que não foi sem designio que o levará mui longe...” —

— “E deixa-me aqui aguardando-o tempo infinito! Deus me livre de tal.” —

— “Tenha melhores esperanças; e trate já de gastar com o seu arranjo algumas dessas moedas lustradas, que estavam a criar ferrugem no fundo do bahú de S. R.^{ma} O senhor não póde ir a Segovia, mas os alfaiates podem cá vir.” —

— “Nada, Catharina; por agora seria inutil: lá mais para o diante veremos. Não confio eu tanto na jornada do tio: n’outro tempo entremeteu-se elle em negocios do estado; e o que lhe renderam as suas tramoias e turbulencia?... prisão e desterro.” —

— “Mas esteve a pontos de lhe renderem outras cousas?...” —

— “Sim, ou o barrete de cardeal, ou a morte no cadafalso de companhia com o condestavel D. Alvaro de Luna.. Deixemo-nos dessas memorias?... Quero beber á saude de D. Anna, á saude de D. Isabel, as formosas invisíveis.” —

Terminou a conversa, passou-se a noite, e em todo o dia seguinte as hospedas continuaram na mesma clausura; porem chegada a noite a janella da sua camara abriu-se, e D. Alonzo que então cruzava o pateo divisou duas sombras na sacada: a luz vaga do candieiro escondido no fim do aposento delineava de perfil as duas esbeltas figuras em attitudede immovel.

— “Ei-las!...” — disse para consigo D. Alonzo [e batia-lhe levemente appressado o coração] e proseguiu sem parar a contempla-las. O procedimento daquellas senhoras para com elle revelava certo desdem, que o offendia; sentia-se constrangido, custava-lhe a soffrer o tedio de tão singular situação, e quasi que tinha saudades da presença do conego e dos habitos monotonos a que por muito tempo estivera sujeito. Conforme as ordens de S. R.^{ma} não sahia fóra, e á tarde sentava-se á janella olhando com melancolica impaciencia para o caminho deserto. Assim decorreram alguns dias; era tal o silencio que pareceria deshabitada a casa, a não serem os passos de Catharina e a fumaça das fornalhas que ella trazia de continuo occupadas para bem cumprir o mandado de seu amo, que desejava que as senhoras fossem tratadas como umas princezas.

— “Não sei [disse a creada a D. Alonzo] que cheiro de dinheiro de S. R.^{ma} presentiram os pobres destes contornos, que vem aos bandos tomar a porta, e não ficam contentes quando só lhes distribuo fatias de pão.” —

— “É porque viram Tovalito, o pastorinho, do valle, voltar muitas vezes de Segovia, carregado como o leigo do peditório em vespas de boas-festas: essa gente, acostumada a vêr como S. R.^{ma} vivia sem despendar ceitil, pensará que na ausencia delle desencantámos algum thesouro.” —

— “Valha-nos N.^a Sr.^a [disse Catharina, inquieta] ha pouco tempo nem os pedintes nos importunavam, nem tinhamos receio de ladrões: agora atraz d’uns virão outros; eu já vi andar rondando a casa gente de má catadura.” —

— “Eram soldados [continuou D. Alonzo]; bem os conheci pelo vestuario meio encarnado meio amarello, e pela escudella de ferro que trazem na cabeça: são os bandos de D. Henrique, que fazem correrias de gatunice pelos arrabaldes da cidade: Deus nos defenda delles.” —

E nesse mesmo dia, ao cahir das sombras, o mancebo dava na sala audiencia a Catharina, que lhe referia o como as hospedas gastavam o tempo no retiro voluntario. Desde que pozeram pé na casa não davam indícios de sahir da alcova antes que o conego voltasse.

— “São muito meigas, e tambem muito devotas; todas as manhãas as acho de joelhos ante a imagem de S. Francisco, que nos veio da Italia; pediram-me lã e agulhas, e de dia se entreteem a trabalhar, cantando seus canticos, ou resam por umas horas com fechos de prata, que D. Isabel trazia na algibeira. Muitas vezes lhe tenho apontado o passeio ao pateo, mas sempre o recusam...” —

— “Pode segurar-lhes que não me encontrarão no transito...” —

— “Não me esqueceu essa clausula; até lhes disse que S. S.^a evitava sahir ao pateo á tarde, para as não incomodar quando tomassem ar á janella: parece-me que não attenderam muito a este signal de respeito da parte de V.^a S.^a” —

Uma pancada violenta na porta interrompeu a este tempo a conversação. — “Será o tio? [disse D. Alonzo]... muito folgarei...” —

A creada acudiu ao postigo... — “Quem é?... — Abri, por caridade [respondeu uma voz fanhosa] abri, pelo amor de Deus.” —

— “Se é algum pobre, deitai-lhe dahi mesmo a esmola” — disse D. Alonzo continuando á meza.

Catharina voltou para dentro, desassocegado o rosto. — “Não é mendigo quem ousa bater assim? — e abanava a cabeça.

— “Pois quem quereis que seja!...” —

— “Talvez algum salteador que se queira metter aqui: o pobre bateria de vagarinho, e pediria um bocadinho de pão.” —

— “Abri, por Christo redemptor nosso [continuou a mesma voz] dai pousada, almas caridosas, a um misero enfermo...” —

Catharina apagou as luzes e tornou ao postigo. — “Ha muitos lá fóra [disse pela calada], sinto arruído de passos, e descubro gente na avenida.” —

Posto que fosse escura a noite divisavam-se umas sombras de vultos humanos confundidas com a poeira do caminho, e o sussurrar da folhagem das sebes, sem vento que as movesse, denunciava alguém que atravez dellas passava e se escondia: os cães dos pastores ladravam ao longe tenazmente.

— “Que pertendem estes soldados?... — disse Catharina, arrumando as costas d’encontro á porta.” —

D. Alonzo foi espreitar ao postigo: havia absoluta quietação: não alcançava a vista senão os maciços negros e estaveis das ramadas frondosas dos tapumes.

— “Já vão longe; tivemos rebate falso... foi pena! queria ver o que essas mulheres fariam, se os bandidos investissem com a casa... forçosamente me haviam mostrar as caras...” —

Nova e rija pancada abalou a porta e retumbou no aposento: grande grita se levantou lá fora, e uma voz acima de todas, bradou:

— “Companheiros, mãos á obra, mostremos-lhes que temos uma chave que abre todas as portas.” —

Clamores e pragas corresponderam a estas palavras; e um enorme vigote impellido por braços robustos começou a bater na porta, como ariete em assalto de guerra.

— “É certo; temos soldados; só elles meneam estas machinas: soldados de D. Henrique nos assaltam... Catharina, algum desses pobresinhos que soccorreis foi espalhar o boato de que tinhamos agora dinheiro...” —

Espantada a velha recuára até a parede fronteira da porta na entrada da habitação, invocando em alta voz o auxilio de quantos santos ha na corte celeste: mas D. Alonzo, em pé nos primeiros degraus da escada, cruzava os braços e levantava a cabeça com gesto altivo e animoso.” —

— “Que ordenais, senhor?... — dizia a espantada Catharina.” —

— “Seguiremos as ordens de S. R.^{ma}: não se irrite esses biltres com resistencia inutil; pelo contrario abrir-lhes a porta; e deixar que saquêem á vontade...” —

— “Ah que bem prestes o farão!...” —

— “Mas as senhoras... as senhoras não ouvem todo este motim...” —

— “Vá, V. S.^a; vá narrar-lhes o que se passa...” —

— “Não, não serei eu quem me anticipe... essas senhoras da corte, cá as espero; agora que nos achámos no perigo!” —

E logo appareceu um clarão no corredor escuro e apoz elle as duas senhoras com o candieiro no cimo do lance d’escadas do andar superior.

— “O que é isto, senhor cavalleiro?... — disse serenamente a que se chamava D. Isabel.” —

— “Uma alcatea de ladrões á porta... resistir será peor... deixemos que roubem... mas primeiro vos porei em segurança... quereis confiar em mim?... se quereis, demo-nos pressa.” —

E estendeu-lhe o mancebo a mão precipitadamente, como para a levar consigo, mas ella recuou com sobresalto, orgulho, hesitação.

E D. Alonzo instou, porem senhor de si e altivo: —

— “Ouvís os repetidos golpes na porta?... em breve desconjuntada e rôta franqueará a entrada... mas ha um meio de a salvar, senhora, se me acredita, se quer seguir-me...” —

— “Sim:” resposta frouxa, mas prompta, da incognita, que travou do braço da companheira. — D. Alonzo arrebatou das mãos da irresoluta creada o castiçal, e foi allumiando adiante, descendo pressuroso.” —

— “Entraí para aqui, senhora... — E abriu a porta de um quarto inferior para a banda do pateo: a luz tremula da vella mal allumiava as paredes revestidas de armarios abertos e vasios; a cruz entalhada por cima da umbreira mostrava que ao culto divino fóra aquelle logar consagrado; e em verdade era a sacristia pertencente á capella; estava

porem tudo tão nú e devastado como se tivesse experimentado roubo completo e á vontade dos espoliadores.” —

D. Alonzo, conhecedor do escondrijo, tocou em uma certa mola no fundo d'um armario; correu a tabua, e viu-se uma grade: n'um instante atinou

com o segredo da entrada; o postigo recondito girou sobre os gonzos. Entrava elle primeiro; seguiram-o as duas senhoras; e Catharina, que ficára na sacristia não pôde conter-se que não exclamasse. — “Agora estão seguras.. agora estão confiadas á protecção divina!...” —
(Continuar-se-ha).



ENCONTRO D'UM PEIXE LUCIO COM UMA RAPOSA.

(Copia de uma gravura alemã.)

O LUCIO (*esox lucius*) é um peixe d'agua doce, que se cria nos lagos, remansos de rios, grandes fossos inundados, e paragens semelhantes; raro e de mui pequenas dimensões nos paizes meridionaes da Europa, mas frequente e corpulento nas regiões septentrionaes desta parte do globo, e da Asia e America. Por sua natural fereza e desmedida voracidade é chamado, e com rasão, o *tubarão da agua doce*. Cresce prodigiosamente, de anno para anno quadruplica de volume; e quanto mais frio é o clima tanto mais prospéra: a boca desde os queixos até a goela é fornecida de innumeraveis dentes; é tão sabujo que engole as presas inteiras, se tanto pôde; e muitas vezes se tem encontrado alguns mortos com as victimas da sua gula meio corpo fóra meio dentro da boca. Ataca nas aguas animaes mais fortes, tudo lhe serve de prêa, e até em pulos que dá desmedidos investe e sobressalta individuos, que parece estarem fóra do seu alcance. Houve quem notou pousar um pardal na flor de um golphão (*) ou nenuphar, e o viu n'um salto tragado por um peixe lucio. Muitos factos podiamos relatar ácerca da voracidade e audacia deste peixe; basta commemo-

(*) O golphão é uma planta, que vegeta nas aguas: serve de adorno aos tanques, como vemos nos dois passeios publicos desta capital; posto que em limitado espaço não desenvolva toda a força da sua vegetação, que ás vezes é prodigiosa.

rar-mos o que constitue o objecto da nossa gravura. — Uns curiosos, em Waldstein na Alemanha, tendo ido á pesca fluvial, apanharam um lucio de bastante volume: repare-se que esta raça de peixes é muito vivaz; não morre promptamente fóra d'agua, e pôde-se transportar tão fresca quanto viva a grandes distancias: os curiosos descuidaram-se e o lucio fugiu-lhe da cesta com algum pulo dentre os peixes a meio caminho; a aldeia estava perto, o pescado era de estimação, volveram a procura-lo com archotes accesos: que pasmo quando em chão alagadiço, entre espadanas, observaram a singular luta do peixe lucio e de uma raposa, que filada pelos beigos não podia desembaraçar-se do aquatico rival! — Reparámos bem não acontecesse o caso com uma lontra, que nisto de traducções em termos de historia natural ha por ahí singularidades, mas estamos certos que era uma raposa; porque *fox* em inglez, *renard* em francez são os nomes daquelle animal daninho, inimigo das nossas capoeiras. O successo deu novos creditos á força e tenacidade do peixe lucio; tanto que mereceu ser representado n'um painel, que se reproduziu em muitas estampas.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

I

HOJE que a arte começa a deixar de ser entre nós

imitadora, pagaã, e falsa; hoje que a poesia se torna nacional; hoje que o drama renascendo no theatro vai buscar a sua tela e as suas personagens na historia patria; hoje emfim que começam a apparecer nos jornaes populares tentativas e esboços da novella historica, é uma necessidade litteraria o desenterrar das chronicas, dos diplomas e de toda a especie de monumentos a archeologia portugueza na mais vasta significação desta palavra. Os que se teem applicado a escrever nestes diversos generos da arte, chamados poema, drama, romance, generos despresados por certos sabios que nada escrevem, ou que só copiam *profundamente* o que os outros disseram; aquelles que, dizemos nós, trabalham nestas varias especies de litteratura, para as quaes se requerem em subido gráu duas cousas que raras vezes se encontram juntas, imaginação para inventar, logica para deduzir e ligar factos e pensamentos; esses conhecem por experiencia custosa quão duro é ter de acrescentar ao seu trabalho de artistas as tediosas e mirradoras investigações de antiquarios e eruditos. Depois d'uma larga exploração pelos campos aridos e empoeirados das velhas chronicas civis e monasticas, dos pergaminhos esquecidos nas gavetas dos archivos, nas obras confusas e por vezes contradictorias dos eruditos, se não é difficiloso salvar a propria logica, é quasi impossivel não sentir amortecida a imaginação sem a qual não existe arte. É esta a maior difficuldade que hoje ha para entre nós apparecerem obras de artistas; os estudos aridos das antigualhas matam os engenhos, ao passo que sem a verdade dos costumes as produções artisticas são falsas, e nesse caso tanto ou mais valéra fazer poemas epicos, tragedias com córos, pastoraes virgiliannas, e romances como o Theagenes e Chariclea, do bispo Heliodoro d'Emesa.

Mas qual é o meio de evitar gradualmente esta difficuldade? É trazer cada qual á praça o seu peculiar nesta materia: assim os artistas se ajudarão mutuamente, poupando uns aos outros largas horas de indagações impertinentes e aborridas. A minima circumstancia dos antigos costumes não é indifferente: muitas vezes ella vai dar côr e vida a um verso, a uma scena, a um capitulo: por pobre que cada um se julgue venha com sua mercadoria que alguém lhe achará o preço; para a arte de hoje não ha terra de sepulchro que nas mãos della não possa converter-se em ouro; porque a vestidura de pedra que dá agasalho aos cadaveres encerra toda a vida antiga.

Um jornal popular é por todas as rasões o repositório mais acomodado para enthesourar essas riquezas historicas. Um livro requer grande copia de materiaes nas mãos do obreiro que commette essa obra, requer certa disposição e methodo para o qual poetas nem sempre são mui proprios, por isso raros poderiam fazer sobre isso um livro com intuito artistico, que ao mesmo tempo fosse uma boa obra archeologica. Por outra parte o commum dos leitores — os mesmos que hão de ler o poema ou o romance, e assistir á representação do drama, se habituarão ao trato e frequencia dos costumes e idéas que essas composições resuscitam: as erenças, as opiniões, a vida material dos tempos passados deixarão pouco e pouco de ser para elles como estranhas, e as obras d'arte seram intelligiveis e populares, o que aliás difficiliosamente aconteceria.

Nós pois convidamos todos aquelles que comprehendem a importancia e necessidade de semelhantes materias para que venham inserir algumas paginas avulsas, alguns capitulos soltos dos seus estudos historicos nesta serie que hoje abrimos; para nós e para

os outros o requeremos; mas sobre tudo o pedimos em nome das esperanças que despontam de uma arte nacional.

Não nos adstringindo nem á divisão das materias, nem á ordem chronologica, neste caso absolutamente indifferente, começaremos pelo extracto de duas obras ineditas e inteiramente desconhecidas entre nós, mas preciosissimas por uma multidão d'observações sobre os costumes portuguezes dos fins do seculo 16.^o Estas obras escriptas por estrangeiros, que não tinham motivos de afeição nem d'odio contra os portuguezes, parecem-nos de summa curiosidade por descreverem o caracter de nossos avós, n'uma epocha em que a severidade dos antigos costumes se começára a romper grandemente, e as riquezas e o luxo, que nos perderam, tinham feito desaparecer a primitiva singeleza de mais remotas eras.

Enviando o papa Pio 5.^o seu sobrinho Miguel Bonello, mais conhecido pelo titulo de Cardeal Alexandrino, como legado aos reis de França, Hespanha e Portugal, no anno de 1571, entre as pessoas que formaram a sua numerosa comitiva vinha um certo João Baptista Venturino, que tomou a seu cargo descrever em italiano o processo da viagem acompanhando a sua relação de notas e observações sobre as terras por onde passavam e sobre os individuos com quem tractavam. Depois de atravessarem França e Hespanha entraram em Portugal pelo lado do Alemtejo, e é daqui ávante que a viagem do legado se torna extremamente importante para a historia da sociedade portugueza naquella epocha: é pois só nesta parte que extrahiremos as mais curiosas passagens da copia que temos diante de nós, tirada do codice 1607 da Bibliotheca do Vaticano (1). Tal é o primeiro dos dois ineditos: depois fallaremos do 2.^o

Entrada em Elvas.

.....
Avistando á mão esquerda uma torre dos portuguezes (2) que estava como para defesa da fronteira appareceu D Manuel.....? senhor de Monsarás, villa proxima, de 100 fogos. Vinha com 50 cavalleiros bem montados e vestidos, e logo apoz elle D. Constantino de Bragança, tio do duque deste titulo, e do sangue real de Portugal, junctamente com o conde de Tentugal, seu cunhado, com 20 pagens vestidos das suas cores, preta e amarella, com 300 cavalleiros, montados em formosos ginetes e cavalgando á gineta, que vem a ser com a perna curva e com os pés mettidos em grandes estribos, que cobrem quasi todo o pé: e montam assim tão bem e estão a isso tão costumados, que fazem, pondo-se em pé nos estribos, toda a casta de forças. Usam de esporas sem rozeta, e só com um bico agudo semelhante ao de uma lanceta. Traziam botins vermelhos de carneira, uns lisos outros lavrados, ou prateados e dourados, e guiavam á déstra dez ginetes sellados e cubertos de brocados e veludos extremamente bellos.

.....
Dahi a pouco veio o bispo d'Elvas, primeira cidade e povoação de Portugal por esta banda, homem já muito velho. Acampanhava-o o corregedor do civil (?) isto é o prefeito de justiça, e o seu juiz ou ouvidor, os alcaides e meirinhos, isto é, alguzais, e outros magistrados e officiaes com vestiduras talaras e varas nas mãos. Os cavalleiros que vinham com elles seriam 300.

(1) Sobre esta embaixada consulte-se a Hist. Gen. da Casa Real no tom. 6.^o

(2) Provavelmente alguma atalaia.

.....
 Ao entrar da dita porta [d'Elvas] appareceram muitos homens e mulheres vestidos do modo em que já tínhamos visto em Castella estando com o cardeal Spinosa. Formavam estes tres corpos de dançarinos. A primeira dança, chamada a *Follia*, compunha-se de oito homens vestidos á portugueza, com gaitas e pandeiros acordes, e com guizos nos artelhos, pulavam á roda de um tambor, cantando na sua lingua cantigas de folgar, de que obtive copia, mas que não ponho aqui por me não parecerem adaptadas á gravidade do assumpto. Bem merecia a tal dança o nome de *follia* (2) porque volteavam como loucos, fazendo ademanos uns para os outros, como quem se congratulava da vinda do legado, para o qual constantemente se voltavam. A segunda dança, chamada a *captiva*, era de oito mouros agrilhoados, que dançando á moda mourisca, se declaravam escravos do Legado. A terceira, chamada a *Gitana*, era composta de ciganas vestidas e bailando como as que já descrevi do cardeal Spinosa (4). Vinham entre ellas duas mouras, trazendo cada uma em pé sobre os hombros uma rapariga (5) vestida de pannos cozidos em ouro e talhados de galantes e variados modos. Com aquelle pezo bailavam levemente, ao som de um tambor, enfunando-se com o vento os vestidos das raparigas, que faziam esvoagar um lenço por varios modos, ora com a mão direita ora com a esquerda; ora segurando-o debaixo do braço ora nas costas, momos estes que depois repetiram com facas por diversas maneiras.

.....
 Elvas está assentada em sitio mui semelhante ao de Badajoz. É cingida de muros e forte: tem falta d'agua pela altura em que está; o seu territorio é bom, e bello o seu aspecto: a povoação terá obra de 4:000 fogos. As casas são caiadas por fóra á moda de Portugal. As mulheres são gentis e desembaraçadas: usam trajos semelhantes aos das castelhanas, mas não andam tão embuçadas, nem tão arrebicadas e brunidas.

..... Encontro do duque de Bragança.

Á segunda feira seguinte tendo sahido d'Elvas vimos um aqueducto de 800 arcos murados, que d'um monte, distante legua e meia, conduzia a agua até ao pé da cidade. Rebentaram depois os canos, não podendo subir a agua á altura que se pertendia para a fazer entrar dentro em beneficio dos moradores, mas sempre corre perto da cidade. E caminhando por bellos e fertéis campos de planuras e outeiros apraziveis, encontrámos a distancia de duas leguas D. João, duque de Bragança, mancebo de 29 annos, de mediocre estatura, trigueiro, e de boa cor, vista curta, e de pouco robusta compleição, o que lhe serve de desconto á muita grandeza

(3) *Follia* em italiano quer dizer loucura.

(4) Tinha-o descripto por estas palavras. « Ao sahir de Barasso se nos apresentaram oito raparigas com trajos de ciganas, ricas e galantes, trazendo na cabeça uma *irnalda* (sic) (donde talvez por corruptella chamámos em Italia *ghirlanda*) feita á maneira de um grande chapéu de sol chato, mas elevado algum tanto no meio a modo de pyramide, com um aro de folha delgada de prata, cheio de botões do mesmo metal postos em fórma de laços, de serpes e de flores, dos quaes pendiam pequeninos espelhos ou laminas de prata de vario lavor. Traziam cintos á antiga de veludo e brocado, faxas de fina tela mourisca, tomadas com laçarias d'ouro, vestidos de panno encarnado, e sóccos de feltro de cores variadas.

(5) Era a isto que antigamente se chamava *Pella*.

e fortuna de que gosa, como depois se dirá. É do sangue real de Portugal, tendo por armas as mesmas do reino. Vinha vestido com uma capa de panno raso, abotoado o capuz com diamantes e fechos d'ouro, e as bandas compridas apresilhadas com rubins e ouro: o barrete era de veludo com fios de rubins, diamantes, perolas e ouro: as calças eram de veludo turquí [azul escuro] agaloadas d'ouro. Montava em um cavallo rodado, cavalgando á gineta, e precedido por dois ginetes, que, sobre as selas cubertas d'escarlata com franjas d'ouro, traziam duas malas semelhantes ás que os cardeaes levam adiante de si quando vão para o consistorio. Eram tambem escarlates com as armas de S. Ex.^a bordadas em brocado d'ouro com florões e franjas de prata, na verdade bellissimas.

Vinham quatro alcades, e quatro meirinhos ou alguazis com varas vermelhas, ao contrario das de Castella e ainda d'Elvas, que eram brancas. Seguia-se a pessoa de S. Ex.^a e apoz elle 200 cavalleiros gentis-homens montados á gineta em bellissimos cavallo.

.....
 Passada meia legua de caminho aspero e pedregoso chegámos ao pé de uma fortaleza sua [do duque] que ficava á mão esquerda, na qual salvaram com artilheria e tocaram tambores. Um pedaço adiante, á direita descobrimos um palacio do duque, bello e commodo, semelhante a um serralho, cingido de muros que teriam tres leguas pequenas, que são nove milhas, e que fóra feito por S. Ex.^a para seu divertimento, por gostar muito da caça. Dentro da cerca havia grande copia de javalis, cabritos montezes, veados, e outras alimarias. Estava ordenado que se desse uma batida ás feras para recrear o Legado, que parou com o duque na chapada do monte pegado com os paços. Mas uma grande chuva acompanhada de vento não o consentiu, e tendo o duque posto um capote de panno avermelhado guarnecido de passamanes d'ouro, e um chapéu de veludo preto com iguaes passamanes, nos encaminhámos a passo cheio para Villa-viçosa, residencia do dito duque, onde chegámos perto da noite... Ao apear-nos á porta do seu palacio houve grande estrondo d'artilheria, que atirava em um castello roqueiro bem fortificado; soaram os atabales, tocados por pretos, os pifaros, trombetas, tambores e sinos, mostrando-se por toda a parte extraordinaria alegria.

..... Villa-viçosa.

A esta villa corresponde bem o nome que lhe dão, porque tanto dentro como fóra está cheia de vinhas, olivedos e pomares: é plana: as casas são bellas e commodas, e de bom risco, ou pelo menos melhor do que é costume em Hespanha, caiadas por fóra, com chaminés brancas, e no topo vermelhas, resaltadas para fóra das frontarias, ou por causa da delgadeza das paredes, ou por adorno, ou por assim ser costume. Quasi todas as casas teem quintaes com agua; e serão ao todo 2:000 fogos, pouco mais ou menos. É habitada por paisanos. Tem formosas mulheres, e entre outras uma que não o é menos da alma que de corpo, da idade de 23 annos, filha de Thomé de Castro, á qual por sua muita litteratura chamam Publica Hortensia. Esta donzella, que tinha estado em Salamanca, quiz defender conclusões naturaes e legaes, o que não teve logar por causa da subita partida do Legado.»

O auctor desta interessantissima viagem prosegue com a descripção do palacio, e modo de viver do duque de Bragança, de que daremos o extracto em um subseguente numero.

(A. H.)

O INFANTE SANTO.

2^a. Parte.

[1437.]

II.

No AMPLO recinto d'uma sala meia arruinada e calçada de fortes adobes (1) já em parte espedaçados vagava sombrio o antigo senhor de Ceuta.—Ao fogo da cholera succedêra a morna paz do desespero. Pendida sobre o peito a fronte calva, quebrado de orgulhos revolvía agora lá dentro de sua mente todos os passados successos; meditava no que fôra e no que era; pesava o presente e o futuro.—E que julgais vós que de sua funda reflexão resultára? Cuidais, acaso, que as saudades de um filho, agora unico, ralavam aquellas entranhas paternas? pensais que a incertesa de sua sorte e as inquietações sobre um destino que naturalmente se antolhava tão fatal apiedavam o feroz coração do leão africano?—Enganais-vos.—N'aquelle peito não cabia dó nem compaixão. No seio do cruel lavravam as chammias occultas de um occulto vulcão.—Nem mugia nem troava; mas aquelle silencio tremendo era precursor de brava tormenta.

Medita. Vede porem como volve em roda os olhos esgaseados e scintillantes. Olhai como ergue a espágo a fronte rugosa, parecendo desafiar as potestades do céu. Attentai. Riso hediondo veio descerrar-lhe os labios infanticidas.—Que negro pensamento lhe assomaria n'alma?

“Ide: que venha aqui o frangue vil (2).—Carregai-o de grilhões e quebrai-lhe os pulsos com algemas.—Que venha como escravo.”

Taes eram, momentos depois, as ordens que em voz medonha trovejava a boca impura do barbaro.—Dois elches (3), servos infames, cujas despresiveis cadeias pendiam daquella boca infiel partiram em continente a executar o mandado.—Pouco espaço era andado quando ruido de cadeias, que arrastavam, soou tinindo nas lageas das longas alas do antigo alcaçar—era a victima que se aproximava. Na frente caminhavam os dois elches trazendo escriptas nas faces reprobas o sello de sua infamia; atraz vinha o martyr rojando a custo o peso de seus ferros, guardado por quatro mouros abexins (4) de cataduras ferozes, tendo em punho os seus yatagans covardes, e como que pedindo nas vistas sanguinarias um espectáculo de morte.—Na fronte nobre do infante reinava a santa paz dos anjos. Sereno o semblante, pousado o animo e firmes e seguros os opprimidos passos, pa-

recia n'aquelle abafado recinto ser elle o unico isemp-to de cuidados e inquietação.—Sentia o homem de Deus que as suas faltas cá na terra estavam pela terra purgadas—entrevia a eternidade e sorria esperançoso para o céu. De sua longa enfermidade só lhe restava a pallidez por que mesmo no seio negro de seu negro carcere aonde nunca vista humana penetrara, viu-o o Senhor e poisou o dedo poderoso sobre o corpo dessecado e disse á febre e á doença “ide-vos” e ellas obedeceram melhor do que o fariam homens, e deixaram aquella alma quasi despegada das prisões terrenas livre para soffrer tudo dos seus algozes. Desassombrado caminhava elle pois, e nem sequer um movimento de terror, de despeito, ou de magua se lhe notava. Só no momento em que, chegando ao meio da larga casa e ferindo-lhe os olhos um raio extremo do sol que em toda a sua pompa descia ao oceano, os volveu para a estreita fresta por onde aquella derradeira saudação do astro do dia entrava, só n'esse momento quem bem lhe attentasse no semblante veria ahi derramar-se-lhe indissolvel enchente de saudades de melancholia e de amor.

Nos ultimos lampejos da vida, ha na alma, por mais que esteja desligada da terra, tal instincto de poetico sentir que é então que essas grandes formosuras da natureza, que todos os dias védes sem vos ferirem, vos abalam, vos comovem, e vos fazem trasbordar do intimo aquelles tres grandes motivos ou effeitos da poesia. Diga-o o que das margem do sepulchro volve o extremo olhar ás gallas de um bello dia ou á suavidade de uma noite formosa. Diga-o esse que ao sentir fugirem-lhe os gozos da existencia percebe talvez pela vez primeira os sorrisos das campanhas e o ternissimo rumorejar das relvas. Discesse-o o generoso martyr, ao deparar com aquelle raio ultimo passando da negrura do carcere á luz dos vivos, entrevendo pela fresta esguia o puro azul do céu no momento saudoso do pôr do sol!—Diga-o eu proprio, que já bastas vezes á beira do meu tumulo saudei com amor a hora solemne do crepusculo e olhei para a voragem da sepultura, entoando um cantico á natureza.

“Escravo, chega-te, disse o alcaide carregando o aspecto e ponderando cruamente a palavra escravo.”

O paciente offereceu lá em sua alma mais aquella affronta, que nem por ser repetida perdia a amargura, ao Senhor das misericordias.—O alcaide continuou.

“Sabes que no conselho do rei teu irmão quebraram o tratado que fizeste e recusaram entregar a minha cidade!... a minha cidade!”

E repetia estas palavras por modo que bem se via o pesar immenso que a perda della lhe causava.

“Não se moveram com o teu captiveiro e venderam teu sangue ao mouro... caro o pagarás descrente! aquelle tratado era a minha esperança ultima. Cifrára eu n'elle todos os meus prazeres desta vida, porque delle esperava a restituição da minha formosa Ceuta.... Ah! desfizeram-no, espedaçaram-no!... Aparelha-te miseravel frangue... que por elle e por todos teus infames irmãos me responde a tua cabeça... Veremos se cabe ao mouro d'Africa o quebrar essa constancia tão gabada.... Lá tem meu filho... loucos! Pensam que has por isso mais segura a vida. Disses-te já, christão, que Ceuta valia bem um infante de Portugal... é verdade... porque Ceuta era a rainha d'Africa e das Hespanhas, a soberba dos praias sarracenas, a mais formosa deste queimado torrão, a valente campeadora dos fieis mussulemanos (5), Ceuta era o orgulho e

(5) Mussulemanos da seita de Mahomet, diferentes dos da seita d'Ali, que vogava mais no oriente.

(1) Ladrilhos.

N. B.—Desejando eu, quanto possivel, aproximar-me da verdade da linguagem, assim como escrupulosamente tenho guardado a verdade historica, perdoe-se-me se alguma vez use palavras que poderão parecer estranhas por já velhas e desusadas.—N'esta 2.^a parte, passada toda principalmente entre africanos, usarei com preferencia de vocabulos, que, sendo portuguezes, tem com tudo origem arabe.

(2) Posto que este nome de frangue fosse mais frequentemente dado pelos mouros do oriente a todos os christãos europeus em geral, todavia os d'Africa usavam tambem delle. Teve origem dos francos ou francezes, os primeiros christãos conhecidos n'aquellas partes.

(3) Christão convertido, renegado.

(4) Ethiopes.

a ufanía do meu espirito, e sem ella fiquei só e vagabundo por entre esta familia grande de xeques e dominadores, eu que viuvo da minha cidade querida ando por aqui mendigo á busca de quem me esmole um alcaçar em que habite e alguns servos em que mande. Tinhas razão. Mas vê que estás em meu poder, que nada me tolhe o braço ou a vontade. Vê que te digo, christão, um infante de Portugal vale bem um filho do alcaide Çalá-Ben-Çalá.

O piedoso D. Fernando voltou o rosto com horror. Só taes palavras valeriam a perturbar-lhe assim a sua placidez.

“Tens horror, frangue, cuidavas que no animo do que fôra outr’ora o mais poderoso de quantos, sem título de rei, dominaram a Africa, do que fez e desfez corôas, ergueu e derrubou thronos — pensavas que no animo desse coubessem covardias. Matem-me embora o filho: tenho coração maior que esses receios...”

“Jesus!” — murmurou o infante mal crendo em seus ouvidos.

“Matem-me embora o filho — repetiu o barbaro — Não me hão de matar a vingança!”

Apoz estas palavras fez-se um grande espaço profundo silencio por toda a salla. Dos escravos tolhia a falla o respeito e o susto, ao alcaide a vehemencia da sua raiva, e ao martyr o grande horror de tamanha cruesa.

O alcaide foi o primeiro que rompeu a mudez.

“Tu podes, baptizado vil, dar ainda remedio ao meu mal, podes salvar-te aos tratos que soffres e que mais requintados soffrerás ainda, podes... se mandas de novo pedir a liberdade a teu irmão. — Pondera-lhe o como vives, roga por tua vida, escreve-lhe com palavras do coração, representa-lhe a ingratição deste seu proceder; ... a má fé do rompimento do tratado ... a ...

“Mouro, não prosigas — atalhou o infante. — Má fé só a houve em ti, que primeiro traidora e baixamente, como covarde, alevantas-te o ferro contra os que em ti se confiavam. Foi negra a traição, mas Deus pelejou pelos valentes de Portugal e coroou ainda uma victoria, a despedida dos seus braços robustos. O rumor de tua perfidia chegou aos meus ouvidos, e, se eu não tivera a vontade já tão despidida de desejos mundanos, esta só relação d’essa infamia, junta com os horrores que ahi tens vomitado, bastariam a despegar-me as vistas da terra em que tal se commette e se permite. Abunda-me aqui dentro o espirito do Senhor. Desenfria contra mim todas as iras, esgota quantos martyrios poderes inventar.... Deus me dará força. O que elrei meu irmão ordenou foi bem ordenado.... abençoada seja a sua resolução e a sabedoria de seus conselheiros, e bem vindos os tormentos da minha vida se m’a conservas, ou as agonias da minha morte se della me fazes mercê.”

“Não, não — clamou rugindo o alcaide. — Não ha em toda a Mauritania senão um homem que exceda em crueldades o alcaide Çalá-Ben-Çalá. Este homem é o Lasaraque, o mais poderoso de quantos xarifes (6) e alvacires ha por essa Mauritania, o xeque de mais valia de Fez e de Marrocos. — Que se ajuntem os mamelucos (7), que os meus almogavares se apromptem. Já, prestes, sem demora. — A Fez. — Ao Lasaraque. — Á mais crua vida de tormentos!

(Continúa.)

(6) Xarife — homem nobre de grande dominio. Alvacir — o agraciado pelo monarcha, denominação arabe que no começo do nosso Portugal foi usada para designar os magistrados.

(7) Mameluco no sentido litteral significa «escravo ou possuido» do verbo *malleca* reinar.

Trombeta natural. — Ha uma bella concha uni-valva, isto é inteiriça, grande buzio indigena dos mares das regiões calidas da Africa, Asia e America, assim como das costas do Mar Pacifico meridional, o qual é empregado pelos naturaes desses paizes no mister de trombeta; muito antes da era christã já delle faziam o mesmo uso os habitantes das praias do Mediterraneo; e servia aos gregos antigos para communicarem signaes nas guerras, em vez dos modernos instrumentos bellicos. Os maiores desses buzios teem, pouco mais ou menos, palmo e meio de comprimento: os sons que produzem são mai estrondosos, mas desagradaveis e monotonos: no seculo passado ainda se usavam a bordo dos navios que commerciavam para a America do Sul em logar da bozina ou *porta-voz*: na Barbada serve para chamar os escravos ao trabalho. Em Pernambuco, e mais algumas terras do Brasil havia um costume singular; quando de tarde se ouvia tocar o buzio era signal de estar nos açougues muita carne por vender, e de que por isso a davam mais barata que de manhañ. Os animaes que habitam estas conchas são bons para comer. São apanhadas por mergulhadores, porque de ordinario jazem a seis pés de profundidade. É esta mesma especie de buzio a que os pintores põem nas mãos de Tritão; igual insignia, na qualidade de arauto de seu pai Neptuno (*) lhe dão os poetas, como, por exemplo, nos seguintes versos de Bocage: —

Luziam-lhe as espaduas escamosas,
Sustentava o maritimo instrumento,
O buzio atroador, nas mãos callosas.

A missa dos corretores e agentes de cambio. — Antes da memoravel revolução franceza no fim do seculo passado, todos os corretores e os agentes de cambio eram obrigados a assistir a uma missa cantada em dia de St.^a Genoveva, padroeira de Paris, na igreja denominada *des petits-pères*, a fim de conciliarem a graça do Espirito Santo para os seus trabalhos de todo o anno. Cada um dos membros daquela corporação que chegava á igreja antes do Evangelho recebia em premio da sua assiduidade uma medalha com sua fita, a que os festeiros dos santos em nosso paiz chamam *medida*. Esta cerimonia era inalteravel, e seguia-se por deliberação da companhia dos agentes de cambios, tomada em 24 de Novembro de 1786, e sancionada em 2 de Dezembro seguinte pela auctoridade superior. — Digam depois desta e outras anedotas identicas, que no Panorama relatámos, que o povo portuguez é o unico excessivo nas solemnidades dos santos: se a vizinha Hespanha não fosse um exemplo que appresentámos ao mundo, bastavam para desculpa [se em taes cousas pôde havê-la] as praticas de outros povos, que nos inculcam como adiantados na carreira da civilisação: praticas e costumes, que, para desengano dos leitores, não cessaremos de mencionar nas columnas deste jornal; para que uns não disfarcem hypocritamente o que sabem, e outros aprendam o que ignoram.

A BASE em que repousa o prazer mundano é a illusão; mas o verdadeiro fundamento de felicidade humana é a verdade: sem verdade não ha objecto digno d’aprego, até nas obras da pintura, porque se ellas são exaggeradas desagradam.

(*) Trombeta de seu pai e seu correio: — lhe chama Camões.